



Material de Literatura do Cursinho Popular Florestan Fernandes – Rede Emancipa
Professora: Lara Rocha
Aula 1: Trovadorismo

TROVADORISMO

Contexto Histórico:

As cantigas trovadorescas galego-portuguesas são um dos patrimónios mais ricos da Idade Média peninsular. Produzidas durante o período, de cerca de 150 anos, que vai, genericamente, de finais do século XII a meados do século XIV, as cantigas medievais situam-se, historicamente, nos alvares das nacionalidades ibéricas, sendo, em grande parte, contemporâneas da chamada Reconquista cristã, que nelas deixa, aliás, numerosas marcas. Tendo em conta a geografia política peninsular da época, que se caracterizava pela existência de entidades políticas diversas, muitas vezes com fronteiras voláteis e frequentemente em luta entre si, a área geográfica e cultural onde se desenvolve a arte trovadoresca galego-portuguesa (ou seja, em língua galego-portuguesa) corresponde, latamente, aos reinos de Leão e Galiza, ao reino de Portugal, e ao reino de Castela (a partir de 1230 unificado com Leão).

Podemos dizer que o trovadorismo foi a primeira manifestação literária da língua portuguesa. Surgiu no século XII, em plena Idade Média, período em que Portugal estava no processo de formação nacional.

Durante a Idade Média, a produção literária esteve claramente vinculada aos processos de ordem política e social da época. Em meio às invasões bárbaras, ocorreu um processo de ruralização da sociedade que dificultou a produção literária entre os séculos V e X. De fato, a grande parte da população medieval não tinha acesso aos livros e nem sequer dominava a escrita de algum idioma.

Um exemplo dessa situação pode ser visto nos próprios destinos tomados pelo processo de cristianização da Europa. Por não saberem ler, muitos dos convertidos tinham acesso às narrativas bíblicas e hagiográficas por meio de imagens que buscavam estruturar uma narrativa. Dessa forma, podemos ver que a adoração a imagens ganha espaço mediante as dificuldades impostas pela falta de obras e instituições que pudessem facilitar o acesso à literatura.

Na Alta Idade Média, podemos assinalar que o Império de Carlos Magno (800 - 887) foi um dos momentos singulares em que as atividades culturais e intelectuais, incluindo aí a literatura, tiveram relativo prestígio. Várias escolas tiveram a função de ensinar e preservar o legado deixado pela civilização greco-romana. No mais, os mosteiros foram os mais importantes e significativos centros de preservação e produção intelectual de escritos influenciados pela Antiguidade.

Saindo dos limites da Europa Feudal, não podemos nos esquecer da rica produção literária organizada pelos povos convertidos ao islamismo. “O Livro dos reis e Rubayat”, de Omar Khayan, e “As mil e uma noites” se destacam como grandes exemplos da literatura árabe. Ao mesmo tempo, podemos também indicar o grande trabalho de tradução que Averróis e Córdoba fizeram da filosofia grega para a língua árabe.

Atingindo a Baixa Idade Média, podemos ver uma transformação muito interessante na literatura europeia. As línguas nacionais (também conhecidas como línguas vulgares) começaram a quebrar o monopólio que o latim exercia na maioria dos documentos escritos. A poesia épica, marcada pela temática militar, descrevia a coragem dos nobres cavaleiros. “Poema do Cid”, “Canção dos Nibelungos” e “Canção de Rolando” são alguns dos mais importantes exemplos dessa vertente literária.

No século XII, o trovadorismo inaugurou uma nova fase da poesia medieval em que o ambiente de cavalaria passou a dividir espaço com a figura da mulher. O trato refinado, os galanteios e o amor entraram em cena. Nesse mesmo contexto, o desenvolvimento das cidades abriu espaço para que o fabliaux surgisse como um tipo de literatura satírica para que as autoridades, senhores feudais e clérigos fossem criticados pela letra de seus vários autores.

Décadas mais tarde, vemos que o aparecimento das universidades também contribuiu para que vários estudantes concebessem paródias bem humoradas sobre os textos oficiais. Também conhecidos como “poetas goliardos”, esses escritores anônimos abusavam da irreverência para criticar os valores de sua época. “Carmina Burana” é uma das obras que melhor representa a ação crítica desempenhada por esses escritores do baixo medievo.

Nas origens da arte trovadoresca galego-portuguesa está, indiscutivelmente, a arte dos trovadores provençais, movimento artístico nascido no sul da França em inícios do século XII, e que rapidamente se estende pela Europa cristã. Compondo e cantando já em língua falada (no caso, o occitânico) e não mais em Latim, os trovadores

provençais, através da arte da canção, mas também do fin'amor que lhe está associado, definiram os modelos e padrões artísticos, mas também genericamente culturais, que se irão tornar dominantes nas cortes e casas aristocráticas europeias durante os séculos seguintes. Acompanhando, pois, sem dúvida, um movimento europeu mais vasto de adoção dos modelos occitânicos, a arte trovadoresca galego-portuguesa assume, no entanto, características muito próprias, como explicitaremos mais abaixo, e que a distinguem de forma assinalável da sua congénere provençal, desde logo pela criação de um género próprio, a cantiga de amigo.

No total, e recolhidas em três grandes cancioneiros (o Cancioneiro da Ajuda, o Cancioneiro da Biblioteca Nacional e o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana), chegaram até nós cerca de 1680 cantigas profanas ou de corte, pertencentes a três géneros maiores (cantiga de amor, cantiga de amigo e cantiga de escárnio e maldizer), e da autoria de cerca de 187 trovadores e jograis. Da mesma época e ainda em língua galego-portuguesa, são também as Cantigas de Santa Maria, um vasto conjunto de 420 cantigas religiosas, de louvor à Virgem e de narração dos seus milagres, atribuíveis a Afonso X. Tendo em comum com as cantigas profanas a língua e eventualmente espaços semelhantes de produção, as Cantigas de Santa Maria pertencem, no entanto, a uma tradição cultural bem distinta, motivo pelo qual não integram a presente base de dados.

A Língua:

O Galego-Português era a língua falada na faixa ocidental da Península Ibérica até meados do XIV. Derivado do Latim, surgiu progressivamente como uma língua distinta anteriormente ao século IX, no noroeste peninsular. Neste sentido, poderemos dizer que, mais do que designar uma língua, a expressão Galego-Português designa concretamente uma fase dessa evolução, cujo posterior desenvolvimento irá conduzir à diferenciação entre o Galego e o Português atuais. Entre os séculos IX e XIV, no entanto, e com algumas pequenas diferenças entre modos de falar locais, a língua falada ao norte e ao sul do rio Minho era sensivelmente a mesma. E nem mesmo as fronteiras políticas que por meados do século XII se foram desenhando, e que conduziram à formação de um reino português independente ao sul, parecem ter afetado imediatamente esta unidade linguística e cultural, cujas origens remontam à antiga Galiza romano-gótica. Da mesma forma, a extensão do novo reino português até ao extremo sudoeste da Península (que se desenrola, até 1250, ainda no movimento da chamada reconquista cristã), é um processo que pode ser entendido, nesta primeira fase, como um alargamento natural desse espaço linguístico e cultural único. Assim, como escreve Carolina Michaëlis de Vasconcelos, comentando este sentido alargado que dá ao termo Galego-Português: “Tal extensão de sentido justifica-se pela uniformidade da língua desde o extremo da Galiza até ao extremo do Algarve, apenas com algumas variantes provinciais, dentro de um tipo comum; e também pela grande semelhança de modos de viver, sentir, pensar, poetar –

uniformidade e semelhança que falam eloquentemente a favor da afinidade primitiva de lusitanos e galaicos”[Vasconcelos: 1904, II, 780].

Na verdade, pode dizer-se que, paralelamente à independência do reino de Portugal, é a progressiva e lenta deslocação do centro político da Hispânia cristã do noroeste galego-leonês para Castela (nomeadamente após a conquista de Toledo em 1085 e, posteriormente, a conquista de Sevilha em 1248) que conduzirá gradualmente à rutura desta unidade, ao potenciar o desenvolvimento das duas línguas que mais imediatamente correspondiam a entidades políticas autónomas, o Português e o Castelhana. A partir desse momento, que poderemos situar, de forma genérica, em meados do século XIV, o Galego-Português deixa de ser uma designação operacional: de facto, e ao mesmo tempo que a Galiza entra culturalmente no período que habitualmente se designa por “séculos escuros”, com um castelhanismo acelerado das suas elites e sem verdadeira produção cultural em língua própria, o Português assume a sua identidade linguística e cultural autónoma, partilhando a partir de então com Castelhana (e, até certa altura, com o Catalão) o espaço cultural ibérico.

O período que medeia entre os séculos X e XIV constitui, pois, a época por excelência do Galego-Português. É, no entanto, a partir de finais do século XII que a língua falada se afirma e desenvolve como língua literária por excelência, num processo que se estende até cerca de 1350, e que, muito embora inclua também manifestações em prosa, alcança a sua mais notável expressão na poesia que um conjunto alargado de trovadores e jograis, galegos, Portugueses, mas também castelhanos e leoneses, nos legou.

Convém, pois, ter presente, que quando falamos de poesia medieval galego-portuguesa falamos menos em termos espaciais do que em termos linguísticos, ou seja, trata-se essencialmente de uma poesia feita em Galego-Português por um conjunto de autores ibéricos, num espaço geográfico alargado e que não coincide exatamente com a área mais restrita onde a língua era efetivamente falada.

Os Trovadores:

Na lírica medieval, os trovadores eram os artistas de origem nobre, que compunham e cantavam, com o acompanhamento de instrumentos musicais, as cantigas (poesias cantadas).

As cantigas galego-portuguesas são obra de um conjunto relativamente vasto e diversificado de autores, que encontram nas cortes régias de Leão, de Castela (ou de Castela-Leão) e de Portugal, mas também eventualmente nas cortes de alguns grandes senhores, o interesse e o apoio que possibilita a sua arte. Não se trata, no entanto, de um mero patrocínio externo: na verdade, e de uma forma que não mais terá paralelo nos séculos posteriores, os grandes senhores medievais ibéricos não se limitam ao mero papel de protegerem e incentivarem a arte trovadoresca, mas são eles próprios, por vezes, os seus maiores, ou mesmo mais brilhantes, produtores. Como é sabido, dois reis, Afonso X e o seu neto D. Dinis, contam-se entre os maiores poetas

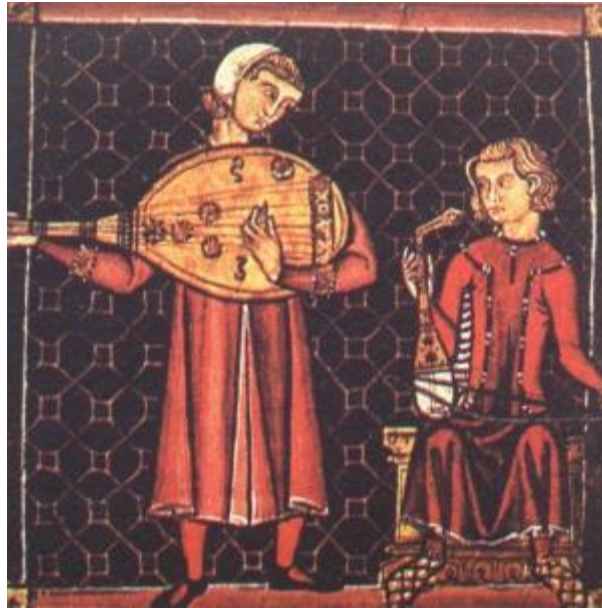
peninsulares em língua galego-portuguesa, num notável conjunto de autores que inclui uma parte significativa da nobreza da época, de simples cavaleiros a figuras principais. Ao lado deste conjunto de senhores, designados especificamente trovadores, e para quem a arte de trovar era entendida, pelo menos ao nível dos grandes princípios, como uma atividade desinteressada, encontramos um não menos notável conjunto de jograis, autores oriundos das classes populares, que não se limitam ao papel de músicos e instrumentistas que seria socialmente o seu, mas que compõem igualmente cantigas, e para quem a arte de trovar constituía uma atividade da qual esperavam retirar não apenas o reconhecimento do seu talento mas igualmente o respetivo proveito.

Os trovadores de maior destaque na lírica galego-portuguesa são: Dom Duarte, Dom Dinis, Paio Soares de Taveirós, João Garcia de Guilhade, Aires Nunes e Meendinho.

As Cantigas e os Cancioneiros:

Dá-se o nome de **Cancioneiro** à coleção de poesias (canções, cantigas) da época medieval. Como tudo era transmitido oralmente, era necessário compilar os textos poéticos nessas coleções, para que não se perdessem. Toda a produção poética desse período está reunida em três coleções: **Cancioneiro da Ajuda** (310 cantigas); **Cancioneiro da Vaticana** (1.205 cantigas) e **Cancioneiro da Biblioteca Nacional** (antigo Colocci-Brancutti – 1.647 cantigas).

Foi da Provença, região situada no sul da França, que veio a nova moda poética, que consistia na composição de poemas para serem cantados. A Provença, onde se falava a *lang d'oc*, é considerada o centro de irradiação do lirismo ocidental. Daí, os trovadores espalhavam-se pelas cortes da Europa, divulgando sua arte poética, de cunho marcadamente individualista, exaltando os encantos da natureza e as virtudes da mulher amada, a quem prestava um serviço, submetido a um código de obrigações, que exigia o segredo sobre a identidade da dama e a mesura, que implicava o autodomínio sobre as emoções.



O acompanhamento musical das cantigas se fazia com instrumentos como a harpa, a lira, a rabeca, o alaúde, a flauta, o címbalo, entre outros. Foram as cantigas as responsáveis pelo surgimento de uma hierarquia de artistas, assim denominados: **trovador** (poeta geralmente nobre que compunha a cantiga sem preocupação econômica); **jogral**, **segrel** ou **trovador** (artista de condição social inferior ao trovador, percorria os castelos entretendo a nobreza e às vezes compunha cantigas e **soldadeira** ou **jograleza** (moça que cantava e tocava pandeiro ou castanholas). No trovadorismo galego-português, as cantigas são divididas em: Satíricas (Cantigas de Maldizer e Cantigas de Escárnio) e Líricas (Cantigas de Amor e Cantigas de Amigo).

Cantigas Satíricas e suas características:

As cantigas satíricas utilizavam, como temas, os costumes clericais, a covardia, a decadência de alguns nobres, os vilãos (habitantes das vilas medievais) e o adultério das damas.

Existiam dois diferentes modelos do fazer poético satírico: as cantigas de escárnio e as cantigas de maldizer.

A diferença entre as cantigas de escárnio e de maldizer é relativa. Frequentemente a classificação dos textos é ambígua. O próprio significado das palavras escárnio e maldizer pode deixar mais clara essa diferença entre os dois tipos de sátira:

→ escárnio: zombaria, menosprezo, desprezo, desdém.

→ maldizer: (verbo) pragueja contra; (substantivo), maledicência, difamação.

Cantigas de Escárnio:

Características

- Indiretas;
- uso da ironia e do equívoco.

As cantigas de escárnio são sátiras indiretas. Essas cantigas fazem ecoar as reações públicas a certos fatos políticos: revelam detalhes da vida íntima da aristocracia, dos trovados e dos jograis, trazendo até nós os mexericos e os vícios ocultos da fidalguia medieval portuguesa.

As cantigas de escárnio utilizam a ironia e o equívoco para realizar mais indiretamente essas zombarias.

nestas cantigas o nome da pessoa satirizada não aparecia. As sátiras eram feitas de forma indireta, utilizando-se de duplos sentidos.

Cantigas de Maldizer:

Características:

- diretas, sem equívocos;
- intenção difamatória;
- palavrões e xingamentos.

As cantigas de maldizer são sátiras diretas. Daí sua maior virulência, o emprego mais frequente de palavrões (em geral os mesmos que usam até hoje) e a abordagem mais desabusada dos vícios sexuais atribuídos aos satirizados.

Os trovadores faziam sátiras diretas, agressão verbal e com quase sempre palavrões sendo o nome da pessoa citado ou não.

Exemplo de Cantiga de escárnio:

(J. Garcia de Guilhade)

Ai dona fea, foste-vos queixar
porque vos nunca louv'em meu trobar,
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea, se Deus me perdon!
e pois havedes tan gran coraçon
que vos eu loe em esta razon,

vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
eu meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já um bom cantar farei
em que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

Exemplo de Cantiga de Maldizer:

(Pero Garcia Buralês)

Roi queimado morreu con amor
Em seus cantares por Sancta Maria
por ua dona que gran bem queria
e por se meter por mais trovador
porque lhela non quis [o] benfazer
fez-sel en seus cantares morrer
mas ressurgiu depois ao tercer dia!...

Cantigas líricas e suas características:

Os trovadores cultivavam dois tipos de cantigas lírico-amorosas: a cantiga de amor e a cantiga de amigo. A cantiga de amor apresentava uma declaração amorosa de um homem para uma mulher; a cantiga de amigo consistia na declaração amorosa de uma mulher para um homem.

Cantigas de Amor: neste tipo de cantiga o trovador destaca todas as qualidades da mulher amada, colocando-se numa posição inferior (de vassalo) a ela. O tema mais comum é o amor não correspondido. As cantigas de amor reproduzem o sistema hierárquico na época do feudalismo, pois o trovador passa a ser o vassalo da amada (suserana) e espera receber um benefício em troca de seus “serviços” (as trovas, o amor dispensado, sofrimento pelo amor não correspondido).

A cantiga de amor é de origem provençal, com certos requintes de linguagem. O eu-poético é um homem cuja namorada, inacessível, é casada e pertence à nobreza; a relação amorosa, agora, se expressa a modo de vassalagem, isto é, o homem é servo da mulher amada. É o amor cortês, cultivado em segredo, sem revelar o nome da dama, que ignora os sentimentos amorosos do trovador. Dessa forma, a mulher é idealizada, inatingível, sempre colocada num plano muito elevado. Daí a presença de um lirismo forte, representado pela *coita d’amor*, isto é, *amor sofrido*.

A estrutura da cantiga de amor seguia sempre um determinado padrão: as estrofes sempre tinham um número determinado de versos (geralmente entre dois e cinco),

apresentavam, muitas vezes, estribilho e refrão e a métrica era bem marcada. À repetição do estribilho e do refrão, com temática única, dá-se o nome de paralelismo.

Cantigas de Amigo: Sendo mais antigas do que as de amor, eram mais espontâneas e menos elaboradas do que as cantigas de amor e apresentavam origem autóctone. Enquanto nas Cantigas de Amor o eu-lírico é um homem, nas de Amigo é uma mulher (embora os escritores fossem homens). A palavra amigo nestas cantigas tem o significado de namorado. O tema principal é a lamentação da mulher pela falta do amado.

A cantiga de amigo é de tradição popular, simples e espontânea. O eu-poético é normalmente uma moça cujo namorado partiu para combater os mouros. Surge daí a temática repetida da solidão, da tristeza, da saudade. Outro aspecto interessante das cantigas de amigo é que, além da mulher que sofria, apresentavam outros personagens que serviam de confidentes, como a mãe, uma amiga ou um elemento da natureza personificado, montando-se uma estrutura de diálogo.

O ambiente é simples como a cantiga; a relação amorosa se passa num plano de igualdade entre os amantes; os sentimentos são naturais e espontâneos; As cantigas de amigo traziam a presença constante de um refrão e paralelismo (A – B - refrão, A – B - refrão, B – C - refrão, B – C - refrão, C – D - refrão, C – D - refrão) e, de acordo com os assuntos de que tratavam, poderiam ser classificadas em:

- * pastorelas - assuntos campestres, diálogo com a natureza.
- * romarias - assuntos relacionados às festas religiosas.
- * barcarolas - assuntos relacionados ao mar, rios e lagos.
- * bailias - assuntos ligados à dança.

Exemplo de Cantiga de Amor

Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca já moiro por vos – e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, dês aquel di', ai!
me foi a mi mui mal,
e vos, filha de don paai
Moniz, e bem vos semelha
d'aver eu por vos guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vos ouve nen ei
valia d'ua correa.
(Paio Soares de Taveirós)

Exemplo de Cantiga de Amigo

Vaiamos, irmã, vaiamos dormir
nas ribas do lago, u eu andar vi
a las aves meu amigo.

Vaiamos, irmã, vaiamos folgar
nas ribas do lago, eu vi andar
a las aves meu amigo.

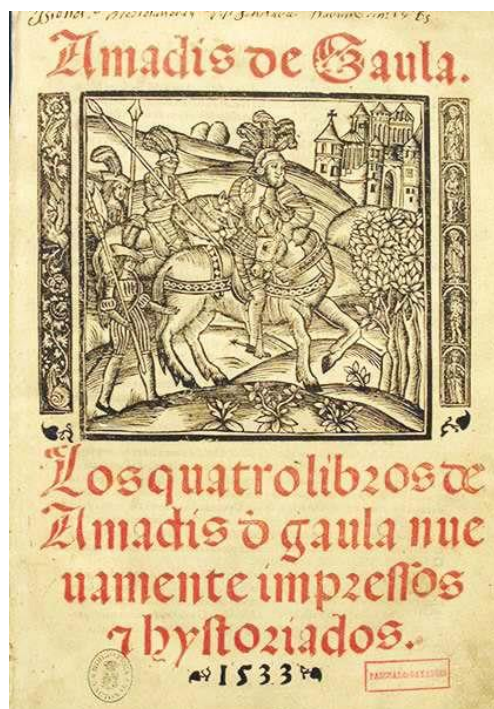
Nas ribas do lago, u eu andar vi
seu arco na mão as aves ferir
a las aves meu amigo.

Nas ribas do lago, u eu vi andar
seu arco na mão a las aves tirar
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão as aves ferir
a las que cantavam leixá-las guarir
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão a las aves tirar
a las que cantavam non nas quer matar
a las aves meu amigo.

Novelas de Cavalaria



As novelas de cavalaria tiveram início com suas canções de gesta – poemas importantes que retratavam ações e feitos heróicos praticados por guerreiros valentes e lendários. Mais tarde, as canções de gesta ficaram entremeadas de enredos amorosos, como no caso do histórico poema “*Chanson de Roland*”, na França, no século XI.

Com o passar do tempo, essas canções passaram a ser narradas em prosa, o que veio facilitar ainda mais a sua tradução e popularidade. Por volta do ano 1200, apareceu a conhecida novela *Lançarote*, que abrangia *A demanda do Santo Graal* e *A morte do rei Artur*. Vieram depois *Tristão e Isolda*, *Galaaz* e outras.

As novelas de cavalaria podem ser agrupadas em três ciclos, dependendo da origem de seus heróis:

- ciclo clássico – sobre temas latinos e gregos;
- ciclo carolíngio – sobre Carlos Magno e os doze pares de França;
- ciclo bretão ou arturiano – sobre o rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda.

No final do século XIII, foram traduzidas em Portugal três novelas, todas do ciclo bretão ou arturiano (daí serem chamadas “matéria da Bretanha”): História de Merlim, José de Arimateia e Demanda do Santo Graal, a mais famosa e popular delas.

O movimento trovadorista, além de dar início à literatura portuguesa, coincidiu com o esforço do povo lusitano pela afirmação da nova pátria. Sua influência se estende até nossos dias, mas foram os românticos do século XIX que primeiro retomaram os temas e formas medievais dos trovadores.

O fim do período trovadorista se deu em 1434, ano da nomeação de Fernão Lopes para o cargo de cronista-mor da Torre do Tombo. Era o início do Humanismo.

Links interessantes:

<https://www.youtube.com/watch?v=U8ejn75oYy0>

<http://cantigas.fcsh.unl.pt/apresentacao.asp>

http://lusofonia.com.sapo.pt/literatura_portuguesa/poesia_trovadoresca.pdf

QUESTÕES SOBRE O TEMA:

1.(UNIFESP) TEXTO PARA A QUESTÃO:

TEXTO I

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.

(Luís de Camões, *Ao longo do sereno*.)

TEXTO II

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqeste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqeste ramo destas auelanas
uerrá baylar.

(Aires Nunes. *In Nunes, J. J., Crestomatia arcaica*.)

TEXTO III

Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

(Fernando Pessoa, *Obra poética*.)

TEXTO IV

Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.

(Luís de Camões, *Obra completa*.)

TEXTO V

As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)

(Mário de Sá Carneiro, *Poesias*.)

A alternativa que indica texto que faz parte da poesia medieval da fase trovadoresca é

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) IV.
- e) V.

2. (FUVEST) Interpretando historicamente a relação de vassalagem entre homem amante/mulher amada, ou mulher amante/homem amado, pode-se afirmar que:

- a) o Trovadorismo corresponde ao Renascimento. Pandora Vestibulares, com você em todas as fases.
- b) o Trovadorismo corresponde ao movimento humanista.
- c) o Trovadorismo corresponde ao Feudalismo.
- d) o Trovadorismo e o Medievalismo só poderiam ser provençais.
- e) tanto o Trovadorismo como o Humanismo são expressões da decadência medieval.

3. (FUVEST) O Trovadorismo, quanto ao tempo em que se instala:

- a) tem concepções clássicas do fazer poético.
- b) é rígido quanto ao uso da linguagem que, geralmente, é erudita.
- c) estabeleceu-se num longo período que dura 10 séculos.

- d) tinha como concepção poética a epopeia, a louvação dos heróis.
- e) reflete as relações de vassalagem nas cantigas de amor.

4.(UNESP) Leia e observe com atenção a composição seguinte:

"Ay flores, ay flores do verde pinho,
se sabedes novas do meu amigo!
 ay Deus, e hu é¹? 1 E hu é: onde está
Ay flores, ay flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
 ay Deus, e hu é?
Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu no que pôs comigo!
 ay Deus, e hu é?
Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu no que me há jurado!
 ay Deus, e hu é?"

A composição anterior, parcialmente transcrita, pertence à lírica medieval da Península Ibérica. Ela tem autor desconhecido, arte poética própria e características definidas do lirismo trovadoresco, podendo-se ainda descobrir o nome pelo qual composições idênticas são conhecidas.

Em uma das alternativas indicadas acham-se todos os elementos que correspondem a essas afirmações.

- a) O autor é Paio Soares de Taveirós. Destacam-se o paralelismo das estrofes, a alternância vocálica e o refrão. O poeta pergunta pelo seu amigo.
- b) O autor é Nuno Fernandes Torneol. Destaca-se o refrão como interpelação à natureza. Trata-se de uma cantiga de amigo.
- c) O autor é el-rei D.Dinis. Destacam-se o paralelismo das estrofes, a alternância vocálica e o refrão. O poeta canta na voz de uma mulher e pergunta pelo amado, porque é uma cantiga de amigo.
- d) O autor é Fernando Pessoa. Destaca-se a alternância vocálica. Trata-se da teoria do fingimento, que já existia no lirismo medieval.
- e) O autor é Martim Codax. Destaca-se o ambiente campestre. O poeta espera que os pinheiros respondam à sua pergunta.

5. (UNIFESP)

Senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

O título do poema de Oswald remete o leitor à Idade Média. Nele, assim como nas cantigas de amor, a idéia de poder retoma o conceito de

- a) fé religiosa.
- b) relação de vassalagem.

- c) idealização do amor.
- d) saudade de um ente distante.
- e) igualdade entre as pessoas.

6. (UNIFESP) Leia a cantiga seguinte, de Joan Garcia de Guilhade.

Un cavalo non comeu
á seis meses nen s'ergueu
mais prougu'a Deus que choveu,
creceu a erva,
e per cabo si paceu,
e já se leva!
Seu dono non lhi buscou
cevada neno ferrou:
mai-lo bon tempo tornou,
creceu a erva,
e paceu, e arriçou,
e já se leva!
Seu dono non lhi quis dar
cevada, neno ferrar;
mais, cabo dum lamaçal
creceu a erva,
e paceu, e arriç'ar,
e já se leva!

(CD Cantigas from the Court of Dom Dinis. harmonia mundi
usa, 1995.)

A leitura permite afirmar que se trata de uma cantiga de

- a) escárnio, em que se critica a atitude do dono do cavalo, que dele não cuidara, mas graças ao bom tempo e à chuva, o mato cresceu e o animal pôde recuperar-se sozinho.
- b) amor, em que se mostra o amor de Deus com o cavalo que, abandonado pelo dono, comeu a erva que cresceu graças à chuva e ao bom tempo.
- c) escárnio, na qual se conta a divertida história do cavalo que, graças ao bom tempo e à chuva, alimentou-se, recuperou-se e pôde, então, fugir do dono que o maltratava.
- d) amigo, em que se mostra que o dono do cavalo não lhe buscou cevada nem o ferrou por causa do mau tempo e da chuva que Deus mandou, mas mesmo assim o cavalo pôde recuperar-se.
- e) mal-dizer, satirizando a atitude do dono que ferrou o cavalo, mas esqueceu-se de alimentá-lo, deixando-o entregue à própria sorte para obter alimento.

7. (FUVEST) Sobre o Trovadorismo em Portugal, é correto afirmar que:

- a) sua produção literária está escrita em galego ou galaico-português e divide-se em: *poesia* (cantigas) e *prosa* (novelas de cavalaria).
- b) utilizou largamente o verso decassílabo porque sua influência é clássica.
- c) a produção poética daquela época pode ser dividida em lírico-amorosa e prosa doutrinária.
- d) as cantigas de amigo têm influência provençal.

e) a prosa trovadoresca tinha claro objetivo de divertir a nobreza, por isso têm cunho satírico.

8. (MACKENZIE)

Sobre a poesia trovadoresca em Portugal, é INCORRETO afirmar que:

- a) refletiu o pensamento da época, marcada pelo teocentrismo, o feudalismo e valores altamente moralistas.
- b) representou um claro apelo popular à arte, que passou a ser representada por setores mais baixos da sociedade.
- c) pode ser dividida em lírica e satírica.
- d) em boa parte de sua realização, teve influência provençal.
- e) as cantigas de amigo, apesar de escritas por trovadores, expressam o eu-lírico feminino.

9. (MACKENZIE)

Assinale a alternativa INCORRETA a respeito das cantigas de amor.

- a) O ambiente é rural ou familiar.
- b) O trovador assume o eu-lírico masculino: é o homem quem fala.
- c) Têm origem provençal.
- d) Expressam a "coita" amorosa do trovador, por amar uma dama inacessível.
- e) A mulher é um ser superior, normalmente pertencente a uma categoria social mais elevada que a do trovador.

10. (MACKENZIE)

Em meados do século XIV, a poesia trovadoresca entra em decadência, surgindo, em seu lugar, uma nova forma de poesia, totalmente distanciada da música, apresentando amadurecimento técnico, com novos recursos estilísticos e novas formas poemáticas, como a trova, a esparsa e o vilancete.

Assinale a alternativa em que há um trecho representativo de tal tendência.

a) Non chegou, madre, o meu amigo,
e oje est o prazo saído!
Ai, madre, moiro d'amor!

b) Êstes olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr'eu vivo fôr;
e direi-vos fremosa, mia senhor,
dêstes meus olhos a coita que han:
choran e cegan, quand'algúem non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

c) Meu amor, tanto vos amo,
que meu desejo não ousa
desejar nehua cousa.

Porque, se a desejasse,

logo a esperaria,e se eu a esperasse,
sei que vós anojaria:
mil vezes a morte chamo
e meu desejo não ousa
desejar-me outra cousa.

d) Amigos, non poss'eu negar
a gran coita que d'amor hei,
ca me vejo sandeu andar,
e con sandece o direi:
os olhos verdes que eu vi
me fazem ora andar assi.

e) Ai! dona fea, foste-vos queixar
por (que) vos nunca louv'em meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar,
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar.
dona fea, velha e sandia!

11. (MACKENZIE)

“Ai dona fea! foste-vos queixar
porque vos nunca louv'em meu trobar
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!”

Assinale a informação correta a respeito do trecho de João Garcia de Guilhade:

- a) é cantiga satírica
- b) foi o primeiro documento escrito em língua portuguesa (1189)
- c) trata-se de cantiga de amigo
- d) foi escrita durante o Humanismo (1418-1527)
- e) faz parte do Auto da Feira

12. (MACKENZIE)

As narrativas que envolvem as lutas dos cruzados envolvem sempre um herói muito engajado na luta pela cristandade, podendo ser a um só tempo frágil e forte, decidido e terno, furioso e cortes. No entanto, com relação a mulher amada, esse herói é sempre:

- a) pouco dedicado
- b) infiel
- c) devotado
- d) indelicado
- e) ausente e belicoso

13. (MACKENZIE/ADAPTADA)

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

Obs.: verrá = virá
levado = agitado

Assinale a afirmativa correta sobre o texto.

- a) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta a Deus seu sofrimento amoroso.
- b) Nessa cantiga de amor, o eu lírico feminino dirige-se a Deus para lamentar a morte do ser amado.
- c) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta às ondas do mar sua angústia pela perda do amigo em trágico naufrágio.
- d) Nessa cantiga de amor, o eu lírico masculino dirige-se às ondas do mar para expressar sua solidão.
- e) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico feminino dirige-se às ondas do mar para expressar sua ansiedade com relação à volta do amado.

14. (MACKENZIE)

Assinale a afirmativa correta com relação ao Trovadorismo.

- a) Um dos temas mais explorados por esse estilo de época é a exaltação do amor sensual entre nobres e mulheres camponesas.
- b) Desenvolveu-se especialmente no século XV e refletiu a transição da cultura teocêntrica para a cultura antropocêntrica.
- c) Devido ao grande prestígio que teve durante toda a Idade Média, foi recuperado pelos poetas da Renascença, época em que alcançou níveis estéticos insuperáveis.
- d) Valorizou recursos formais que tiveram não apenas a função de produzir efeito musical, como também a função de facilitar a memorização, já que as composições eram transmitidas oralmente.
- e) Tanto no plano temático como no plano expressivo, esse estilo de época absorveu a influência dos padrões estéticos greco-romanos.

15. (MACKENZIE/ADAPTADA)

Utilizando como base o texto a seguir, responda à questão.

- 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa
- 2 ser dita ao menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava
- 3. a admirável forma lírica da canção paralelística
- 4. (...).

5. O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura
6. dos cancioneiros. Li tanto e tão seguidamente aquelas
7. deliciosas cantigas, que fiquei com a cabeça
8. cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;
9. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias
10. a San Servando. O único jeito de me livrar da
11. obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

No texto, o autor.

- a) manifesta sua resistência à obrigatoriedade de ler textos medievais durante o período de formação acadêmica.
- b) utiliza a expressão cabeça cheia (linha 08) para depreciar as formas linguísticas do galaico-português, como “mha senhor” e “nula ren” (linhas 08 e 09).
- c) relata circunstâncias que o levaram a compor um poema que recupera a tradição medieval.
- d) emprega a palavra cancioneiros (linha 06) em substituição a “poetas”, uma vez que os textos medievais eram cantados.
- e) usa a expressão deliciosas cantigas (linha 07) em sentido irônico, já que os modernistas consideraram medíocres os estilos do passado.

Gabarito

- | | | | | | | | | | |
|------|-------|-------|-------|-------|-------|------|------|------|-----|
| 1. B | 2. C | 3. E | 4. C | 5. B | 6. A | 7. A | 8. B | 9. A | 10. |
| C | 11. A | 12. C | 13. E | 14. D | 15. C | | | | |